

GRAVIDEZ ADOLESCENTE: DA METÁFORA COTIDIANA À LITERÁRIA

Anderson de Souto (UERJ; Fac. CCAA)
otuos@hotmail.com

RESUMO

Esta comunicação objetiva refletir sobre o modo como a adolescente grávida observa a si mesma e seu estado, focalizando a construção discursiva de sua nova identidade no contexto cotidiano e no literário por meio do processo metafórico. Para tanto, como *corpus* são utilizadas concepções da gravidez adolescente selecionadas no discurso do dia a dia, representado por entrevistas de meninas grávidas para uma pesquisa de doutorado, e no discurso literário, representado pela construção de personagens em dois textos literários – o romance contemporâneo brasileiro *Desmundo*, de Ana Miranda, e o monólogo africano contemporâneo *A Órfã do Rei*, de Mena Abrantes – que, analogamente, trazem adolescentes grávidas como protagonistas. Além disso, busca problematizar o fenômeno metafórico, há muito considerado nos estudos linguístico-literários como desvio estilístico, ornamento linguístico ou figura de linguagem, tendo como subsídio teórico princípios da semântica cognitiva. A metáfora, nessa corrente, é revista e rediscutida, passando a ser compreendida como forma humana de apreender a realidade: mais do que desvio, ornamento ou figura, trata-se de fenômeno cognitivo. Sendo assim, torna-se importante reconhecer o que há de convergente e de divergente entre construções metafóricas literárias e cotidianas, ressaltando o fato de que ambas se mostram, antes de tudo, manifestações de linguagem e fazem parte da criatividade linguística. O estudo, ao contrapor metáforas nos dois discursos, o faz segundo distintas formas de conceber o estado de gravidez precoce, numa perspectiva que almeja questionar a abissal separação do cotidiano a que a metáfora literária é lançada pelos estudos formalistas, estabelecendo graus de aproximação e afastamento entre ambas.

Palavras-chave: Construção discursiva. Metáfora. Estilística. Semântica.

1. *Introdução*

Este artigo objetiva refletir sobre o fenômeno metafórico na linguagem humana, focalizando o modo como a gravidez adolescente é conceptualizada em metáforas utilizadas nos discursos cotidiano e literário.

À metáfora, nos estudos linguístico-literários de viés estilístico, é atribuído o estatuto de “desvio”, “ornato” ou “figura de linguagem”. Entretanto, os estudos do fenômeno metafórico realizados pela linguística cognitiva têm questionado tal estatuto.

Esse ramo da linguística problematizou-a com base no uso de expressões do homem comum, distante das páginas da literatura. Hoje, entende-se, sob tal perspectiva, que se trata de uma forma de compreender a realidade, isto é, de conhecê-la e de apreendê-la. Portanto, antes de *tropo*, a metáfora seria um processo cognitivo.

Diante dessa reanálise, surgem algumas inquietações: o que diferenciaria a metáfora cotidiana da literária? Seria o uso daquela “menor” diante do uso desta? Reconhecer o que há de comum e incomum entre ambas é uma postura fundamental para elucidar o fenômeno, já que ele se faz presente nas diversas manifestações linguístico-criativas do homem, não sendo própria apenas do domínio literário.

Para tanto, este estudo contraporá metáforas relativas à gravidez recolhidas em entrevistas com adolescentes gestantes, para uma pesquisa de mestrado, àquelas recolhidas nos discursos das protagonistas de dois textos literários contemporâneos: o romance brasileiro *Desmundo*, de Ana Miranda e o monólogo africano *A Órfã do Rei*, de Mena Abrantes, que, analogamente, trazem adolescentes grávidas como protagonistas.

2. *Considerações sobre a linguística e a semântica cognitivas*

A linguística cognitiva surge com fôlego, no estudo da relação cognição-linguagem, em meados dos anos 80. Essa teoria

abarca algumas “ilhas” epistemológicas que investigam tal relação, dentre as quais se destaca a semântica cognitiva.

Para a linguística cognitiva, a linguagem é um fenômeno mental visto ao lado de outros sistemas cognitivos e não uma faculdade inata autônoma, como vista no gerativismo. Sendo assim, ela é uma forma de conhecer o mundo, cuja base é o processo de significação.

Dessa perspectiva, a linguagem revela-se o instrumento cognoscitivo por meio do qual o sujeito concebe a realidade e a organiza, construindo significados para ela (GEERAERTS, 2006). Já o sentido, constituído na e pela linguagem, atrela-se a outras capacidades cognitivas, isto é, não é somente linguístico, mas origina-se também de experiências perceptuais, sensorio-motoras, emocionais, sociais e culturais.

A abordagem da linguística cognitiva não privilegia, portanto, apenas a descrição do sistema linguístico, nem exclui o sujeito histórico, social e cultural da análise, como no estruturalismo, já que os indivíduos interagem com o mundo (SALOMÃO, 2006).

Ao relacionar cognição, linguagem e significação, a linguística cognitiva toca, por conseguinte, em questões já há tempos observadas tanto pela linguística quanto pela filosofia da linguagem. Para Marcuschi (2007), desde os gregos, indaga-se como a realidade é acessada pela linguagem.

Nesse contexto, a linguística cognitiva opõe-se aos estudos “tradicionais” da relação linguagem-realidade, que se atêm quase sempre ao processo de designação¹⁸ em abordagens lógico-filosóficas ou simplesmente linguísticas. Grosso modo, nessas visões “tradicionais”, a linguagem seria um “espelho da realidade” (MARCUSCHI, 2007a), isto é, o signo linguístico representaria um dado da realidade, como o reflexo de um no outro, em relação biunívoca.

¹⁸ Para Coseriu (1987), designação é o componente do conteúdo linguístico a partir do qual a realidade extralinguística é referida pelos signos.

Caro à linguística cognitiva, o processo significativo, de acordo com Geeraerts (2006), apoia-se em quatro ideias básicas, importantes para compreender como se dá a relação linguagem-mundo: a) o significado linguístico é perspectivizado – depende do ponto de vista a partir do qual são encarados os dados da realidade; b) é dinâmico e flexível – altera-se segundo diversas experiências sociais, culturais, perceptuais etc.; c) é enciclopédico e não autônomo – não está separado de outros mecanismos cognitivos, como as experiências corporais, mas se lhes associa; d) é baseado nas experiências – vincula-se às vivências humanas como atos situados, do ponto de vista social, cultural, psicológico, biológico e físico.

A semântica cognitiva, que se dedica à metáfora, considera as manifestações linguísticas sob o prisma do não literal, o que se confirma pelas relações da significação com as experiências. Para Lakoff (1999), expoente da área, a razão humana é, em parte, metafórica e imaginativa, e a metáfora apresenta natureza conceptual na medida em que auxilia a compreensão humana do mundo.

3. *Metáfora literária: questionamentos*

A metáfora tem sido estudada tradicionalmente, na estilística e na teoria literária¹⁹, como *figura de linguagem*, encarada numa visão “desviacionista” que considera seus sentidos como alteração de significados literais. A figura teria a capacidade de transformar expressões linguísticas do uso corrente em uso original em contextos inovadores, ou seja, é considerada pela validade da alteração de sentido que acarreta, gerando conotações e efeitos expressivos com finalidade estética (MONTEIRO, 2009).

A partir dessa visão, que remete à Antiguidade Clássica, ela é, segundo Aristóteles (2004, p. 75), a “transferência para uma coisa do nome da outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie

¹⁹ Remetem-se à retórica ou à poética.

para o gênero, ou da espécie de uma para o gênero da outra, ou por analogia”.

Tal observação desviante pressupõe a ideia de que existiria um significado básico imanente à língua, pré-determinado, que adquiriria novos matizes semânticos quando transposto a outro contexto.

Marcuschi (2007a), a partir de olhar sociocognitivo, critica intensamente essa posição, afirmando que, além de pregar uma significação pré-fabricada, reproduziria a visão especular da linguagem, segundo a qual as línguas seriam sistemas abstratos que representariam o mundo. Para o autor (2007a) a língua, ao contrário, possui um sistema sintático-semântico indeterminado, de modo que os sentidos emergem, de fato, das relações sociointerativas situadas, a partir de processos cognitivos de sujeitos.

Portanto, a noção de metáfora como “desvio de um significado básico” não tem sentido de ser, já que ela cria uma realidade nova, não meramente linguística, conforme Marcuschi (2007b), o qual defende sua desvinculação do contexto puramente linguístico.

Outra forma de vê-la, dentro dos tradicionais estudos linguísticos, é tomá-la por “abreviação” da figura do símile ou comparação, abordagem propagada por manuais didáticos e dicionários de termos literários, por exemplo.

É novamente Marcuschi (2007b) que se opõe a tal ideia. Para ele, a metáfora não resultada de uma comparação, visão redutora do fenômeno metafórico. Mais do que isso, de acordo com o autor, ela faz entrar em cena o sistema cognitivo humano.

Coseriu (1987) também critica os dois modos de ver a metáfora. Para ele, o fenômeno não pode ser entendido “como simples transposição verbal, como comparação abreviada, mas como expressão unitária, espontânea e imediata (isto é, sem nenhum ‘como’ intermediário) duma visão, duma intuição poética” (1982, p. 63).

As duas formas criticadas rechaçam o ponto de vista da teoria literária, segundo o qual ela seria um fenômeno ou recurso tipicamente literário, o que tem relegado o uso metafórico cotidiano a certo preconceito (MARCUSCHI, 2007b).

Na perspectiva aqui negada, a metáfora seria “liberdade poética” e forma de transfigurar a linguagem, para ultrapassar o uso comum, referencial, gerando plurissignificação e poeticidade (como se estas só fossem possíveis na literatura), transmutando-o em literário. Para Vitor Manuel (1976, p. 59), por exemplo, “as metáforas [...] constituem outros tantos meios de o escritor transformar a linguagem usual em linguagem literária”.

Isso nos permite perceber uma tendência que identifica a linguagem cotidiana a uma função referencial, e a literária a uma poética, isto é, esta teria a propriedade de “transfigurar” a linguagem trivial a um uso supostamente especial.

Coseriu (1987) assevera que o fato constitui uma grave incoerência, pois se deixa de perceber o que a linguagem é em essência: poësis. Quando identificada com uma suposta função denotativa, ela reduz-se profundamente, já que se deixa de explicitar uma de suas propriedades precípuas: a criatividade. A relação denotação-linguagem originou, por exemplo, a visão de que metáforas não se aplicam a discursos científicos, o que não procede.

Vista a linguagem cotidiana de tal modo, a “criação” só estaria presente na literatura, graças a sua “função poética”. Entretanto, mesmo que mais fiel às tradições linguísticas das comunidades, a linguagem corrente não pode ser considerada não criativa, pois a “criação, a invenção é inerente à linguagem por definição” (COSERIU, 1987, p. 88).

Do mesmo modo, a linguagem poética não é desviante, corresponde, na verdade, à própria linguagem em sua plenitude funcional, porque a literatura oportuniza explorar as virtualidades do sistema linguístico, ampliando as possibilidades linguísticas.

A criatividade²⁰, desse modo, faz-se presente em todo e qualquer ato linguageiro, visto que, como atividade poética humana, a linguagem é, *per si*, criativa.

Se as metáforas da linguagem usual são manifestações da criatividade linguística humana, como devem então ser encaradas?

4. Metáforas literárias e cotidianas: diálogo possível

A linguística cognitiva, por meio de expoentes como Lakoff e Johnson (2002) e Kövecses (2002), aponta para outra compreensão do fenômeno metafórico. Nessa (re)visão, a metáfora deixa de ser “ornamento” e passa a ter caráter cognitivo.

Lakoff e Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), questionam a abordagem da metáfora nos estudos linguístico-literários. Para os autores, elas possuem natureza cognitiva e configuram-se como peças fundamentais no sistema conceptual humano.

Assim, os autores (2002), partindo da análise de expressões linguísticas metafóricas correntes, revelaram um sistema conceptual metafórico inerente à linguagem. Expressões metafóricas comuns, mesmo desgastadas e convencionais, traduzem em seu cerne formas de conceptualização: são as “metáforas conceituais”.

Esse estudo evidenciou que o fenômeno é um modo de conceber, conhecer a realidade, de conceituar o mundo, pois se apresenta como forma organizadora do pensamento humano. Em perspectiva sociocognitiva de viés experiencial²¹, ela é um meio de pensar originado nas interações humanas com a realidade.

²⁰ Sobre a criatividade linguística, Franchi (2006, p. 100) explica que ela “não pode limitar-se ao comportamento original, à inspiração e ao desvio [...] Há criatividade nas manifestações individuais e divergentes, mas também no esforço coletivo, comunicado, no diálogo com os outros que garante o exercício significativo da linguagem”.

²¹ A cognição atrela-se, conforme a linguística cognitiva, a experiências corpóreas, culturais, histórico-sociais etc.

Tal sistema conceptual, evidenciado no cotidiano, orienta uma forma de pensar e agir: significa que compreendemos (vivenciamos ou experienciamos) uma coisa por meio de outra (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Para exemplificar essa “experiência de uma coisa em termos de outra”, os autores (2002, p. 47) utilizam uma metáfora conceptual que perpassa muitas expressões linguísticas cotidianas no mundo ocidental: “DISCUSSÃO é GUERRA”.

O ato de argumentar ou discutir é compreendido, desse modo, como uma guerra travada entre seus partícipes. Assim, alguns *atacam* argumentos alheios, outros deles se *defendem*, ao passo que convencer o outro com argumentação sólida é *vencê-lo, derrotá-lo*. Isso explicita como usamos metáforas para estruturar nossos conceitos.

Contudo, tais conceitos só podem ser estruturados parcialmente, nunca integralmente, o que faz com que pensemos metaforicamente privilegiando alguns aspectos em detrimento de outros²². Na metáfora conceptual acima, privilegia-se o caráter *belicoso* e desconsidera-se, por exemplo, o cooperativo.

Embora tais metáforas sejam parciais, são sistemáticas (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Tal sistematicidade ressalta o modo como estruturamos nossos sistemas conceptuais: na medida em que a metáfora conecta diferentes conceitos, permitindo-nos associar domínios semânticos díspares, antes não relacionados, geram uma integração, isto é, um domínio conceptual interliga-se a outro.

Para se referir a algo de um domínio, aplicam-se conceitos de outro, tendo em vista uma *fonte* e um *alvo*. Quando se diz que os argumentos de outrem *destroem* o nosso, está-se mesclando o domínio-fonte – guerra – ao domínio-alvo – discussão –, para compreender esta por meio daquela, acionando um conceito metafórico, portanto.

²² Há, aqui, uma associação com os conceitos de *figura* e *fundo*, contribuições da psicologia gestalista à linguística cognitiva. Segundo tais conceitos, ressaltamos um aspecto (*figura*), ao passo que ignoramos outro (*fundo*).

Para Kövecses (2002), a metáfora cotidiana põe em xeque o modelo tradicional desviacionista, pois desmonta certas ideias que lhe subjazem, rechaçando a abissal distinção sentido figurado / literal e linguagem corrente/literária. Dessa forma, questiona-se a metáfora como própria de uso especial da linguagem realizado por poetas, já que ela é um elemento conceitual inerente ao uso linguístico do falante comum.

Sendo assim, Kövecses (2002) discute as conexões que a metáfora conceitual estabelece com a literatura, partido da seguinte pergunta: “Qual é a relação estabelecida entre a linguagem corrente e a linguagem da literatura, incluindo a poesia?”

Vem da própria teoria literária o indício de como não haveria uma distinção tão rígida entre linguagem cotidiana e literária (D’ONOFRIO, 1983, p. 17):

Se o artista se fechasse por completo no seu mundo interior e se desviasse do código linguístico de uma forma irreversível, ultrapassando o umbral da inteligibilidade, a arte perderia a sua função comunicativa. A qualidade da obra de arte reside no limite entre a banalidade e o absurdo.

Se a literatura “desviasse” tão profundamente da linguagem cotidiana usual, como seria possível ao homem comum compreender textos literários? É o que o autor se questiona. O poeta cria, então, a partir da própria realidade, construindo novas visões, novos modos de concebê-la e de pensá-la.

É justamente, nessa dimensão cognitiva da arte, que a literatura liga-se à linguagem corrente: a metáfora conceitual estabelece-se como forma de conhecimento tanto um uso, quanto no outro. E, sendo atividade criativa intrínseca, ela põe em xeque os supostos graus de poeticidade, no qual a linguagem científica estaria na posição zero.

Kövecses (2002) apresenta, portanto, outra forma de compreender a metáfora na relação linguagem corrente/literária. Para ele, a literatura apresenta artifícios, intentos estéticos variáveis, para criar usos linguísticos novos, que “desconvencionlizam” o coti-

gundo o qual são combinadas diferentes metáforas conceituais, princípio mais radical de “desconvencionalização”.

Esses princípios evidenciam que compreendemos as metáforas literárias graças à presença de conceitos metafóricos provenientes em nosso sistema conceptual. Os princípios corroboram a visão coseriana segundo a qual a literatura é o espaço de testagem das virtualidades da linguagem, onde se pode explorar ao máximo o uso linguístico, criando-se algo não convencional. Por isso os formalistas atribuíram à literatura a propriedade do estranhamento.

Para compreender o modo como é concebida a gravidez adolescente na literatura e na linguagem cotidiana, é necessário analisar exemplos de expressões metafóricas nos dois discursos.

5. Exemplos literários e não literários da metáfora conceitual

Em relação ao discurso literário, opta-se pela abordagem metafórica da gravidez contida em dois textos: um brasileiro e outro angolano.

A narrativa da brasileira Ana Miranda, *Desmundo* (1996), que busca uma aproximação com o português arcaico, ambienta-se no séc. XVI e conta a história de Oribela, uma adolescente portuguesa órfã trazida às terras brasileiras para casar-se com um explorador, um colono, por conta da política de “embranchecimento” das colônias executada pela Metrópole, para melhor controle do Império.

A órfã Oribela, ao chegar a terra, vê-se desambientada em lugar inóspito, repleto de aventureiros, perigos e atrocidades, o avesso do mundo civilizado com o qual estava acostumada. Ela é obrigada a casar-se por conveniência com um homem bruto, de quem foge para tentar regressar a Portugal. Numa das fugas, conhece um cristão novo, por quem se apaixona (pequeno alento) e de quem engravida. Logo depois, cai novamente nas garras do marido indesejado. Tudo narrado em 3ª pessoa.

Já o texto do angolano José Mena Abrantes, *A órfã do Rei* (1996), um monólogo, possui argumento semelhante ao do enredo de Ana Miranda. Conta os dramas de uma órfã branca portuguesa, não nomeada, levada à África para casar-se também com um colono, pelos mesmos motivos de Oribela.

A narrativa, composta em forma de carta a *El Rei*, demonstra a perspectiva angustiada da menina que, do mesmo modo engravida, porém, diferentemente de Oribela, não por amor, mas como resultado da violência sexual de seu futuro marido, cujo fruto ela acaba por abortar. Diferentemente da protagonista de *Desmundo*, entretanto, esta adolescente órfã identifica-se com a terra africana à qual é mandada.

Quanto ao discurso cotidiano, utilizam-se trechos de entrevistas com adolescentes grávidas para a dissertação de mestrado de Lilian Valim Resende, cujo título é *Concepções metafóricas sobre gravidez na adolescência*, defendida em 2007.

Nos discursos, consideram-se as expressões linguísticas representantes de quatro categorias conceitual-metafóricas acerca da gravidez. Tais expressões são analisadas partindo do contínuo da convencionalidade, detalhado na seção anterior.

5.1. Categoria 1:

CORPO HUMANO É RECIPIENTE

Exemplos do discurso literário	Exemplos do discurso cotidiano
<p>• <i>Desmundo</i>:</p> <p>1) “[...] que me eu entregara ao mouro e dava os restos ao cão de meu esposo e que <i>o filho que eu trazia</i> era um bastardo chifruado que ia nascer com os cabelos ruivos...” (p. 198)</p> <p>2) “Feito de luzes, a falar e a ouvir, a me visitar no catre e acariciar <i>minha barriga prenha</i> e dar ordem à casa...” (p. 201)</p> <p>3) “Em vez de ser o mais radiante na alegria ao conhecer a notícia do <i>filho cravado no meu cor-</i></p>	<p>• <i>Corpus da dissertação</i>:</p> <p>1) “Aí, eu no começo, eu pensava em tirar sabe? Eu fiquei pensando outro dia, tava olhando pra cara dela (filha), né se eu tirasse, eu não tinha ela. Fiquei imaginando. Eu pensei em tirar e ele (o pai, não.” (p. 95)</p> <p>2) “[...] antes de pensar só na</p>

<p>po, que sempre tanto quisera, se deu Francisco de Albuquerque a ter escuridões nas vistas...” (p. 195)</p> <p>• <i>A órfã do Rei</i>:</p> <p>4) “A mim aconteceu-me numa noite em que <i>se rompeu, no meio de fortes dores, a bolsa de mar que transportava dentro de mim.</i>” (p. 17)</p> <p>5) “Numa lúcida alucinação vi <i>surgir de minhas entranhas</i> um ser disforme e já sem vida, de pele castanhamente ressequida, com a cabeça inchada...” (p. 17)</p> <p>6) “[...] descobri, sem surpresa, que a janela do meu quarto se escancarara e que a chuva invernal irrompia violenta lá fora, encharcando <i>meu corpo destapado e exposto.</i> Não sentia frio, bem pelo contrário.” (p. 18)</p> <p>7) “Esse aborto ficou <i>a boiar à superfície das águas que eu própria entornara</i> e eu desejei que...” (p. 17)</p>	<p>gente, tem que pensar <i>na vida que tá dentro da gente</i> [...] tá crescendo <i>uma pessoa dentro de você...</i>” (p. 72)</p> <p>3) “[...] aí agora, não sei é minha de verdade, <i>se saiu foi de dentro de mim,</i> porque é muito diferente as coisas agora...”</p> <p>• <i>Corpus da dissertação</i>:</p> <p>4) “Eu posso <i>segurar</i> até 9 meses.” (p. 72)</p> <p>5) “é um amor maior que <i>nasce na gente.</i>” (p. 72)</p> <p>6) “Se ela (a mãe) mandar eu <i>tirar,</i> eu prefiro sair de casa e ter o filho longe.” (p. 58)</p> <p>7) “Fiquei uma semana assim, pensando se eu <i>ia tirar</i> ou não.” (p. 58)</p>
--	--

A metáfora conceitual CORPO HUMANO (grávido) É RECIPIENTE, evidenciada nos itens de (1) a (6), baseia-se no experiencialismo humano, pelo viés da corporalidade. Para Lakoff (1990), experienciamos nossos corpos como recipientes, atribuindo-lhes significados que se baseiam em coisas que podem “estar dentro ou fora deles”, tendo em vista marcações espaciais como “limite”, “interior”, “exterior” etc.

Estar grávida significa “levar o filho no ventre”, “estar com ele dentro do corpo”, que é concebido como recipiente onde se pode portar e transportar coisas, inseri-las, retirá-las etc. Nos exemplos literários (1) e (2), não há o emprego de quaisquer princípios de desconvençãoalzação nessa metafórica, o que atesta a contraposição aos exemplos da dissertação. Por conseguinte, tanto as metáforas cotidianas quanto as literárias revelam grau similar de convencionalidade.

Entretanto, o exemplo literário (3), de *Desmundo*, apresenta a expressão “filho cravado no corpo”, em que se percebe o princípio da *elaboração* (b), o qual busca um caminho inabitual para a metáfora, inserindo elemento incomum no domínio-fonte (corpo): *cravar*, no lugar de *introduzir*, traz a nuance de sentido de *penetrar profundamente, afincar nas estranhas*. Essa elaboração faz a metáfora tornar-se menos convencional, o que é próprio do domínio literário.

Os exemplos de *A Órfã do Rei* utilizam a mesma metáfora conceitual. Em (5), emprega-se o princípio da *combinação* (d), apresentando uma forma diferente de apresentar a metáfora, no qual se associa a expressão *transportava dentro de mim* (corpo recipiente) à *bolsa de mar* (bolsa amniótica contendo o fluido que envolve e protege o embrião, metonimicamente também vista como recipiente).

Além da combinação, a expressão bolsa de mar traz uma aplicação do princípio da extensão, com a introdução de novo elemento no domínio-fonte, alterando bolsa *d'água* (como é vulgarmente nomeada) para bolsa *de mar*, o que ressalta aspecto incomum à metáfora cotidiana.

No item (6), observa-se o emprego do princípio da elaboração, encarando-se a concepção metafórica de forma completamente nova a partir de *surgiu de minhas entranhas*, cuja significação “emergir do fundo, das profundezas” do corpo, do útero corrobora a metáfora *bolsa de mar*.

No item (7), elabora-se a metáfora, atribuindo-lhe aspectos também não usuais evidentes na expressão *água que eu própria entornara*, em que o líquido amniótico derrama-se, verte-se de seu corpo-recidente. Encara-se, assim, o rompimento, no aborto, a bolsa amniótica de forma inovadora.

5.2. Categoria 2: VIDA É LUZ

Exemplos do discurso literário Exemplos do discurso cotidiano

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Desmundo</i>: <p>1) “Pedi a Deus que me levasse só depois <i>de dar à luz</i>, por misericórdia comum anjo e que meu corpo fosse lançado ao mar, onde as correntes levassem aonde estaria minha alma.” (p. 196)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A órfã do Rei</i>: <p>2) “Atormentava-me o peito não ter sido sequer capaz de <i>dar à luz um servidor fiel</i> do Vosso Reino...” (p. 18)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Corpus da dissertação</i>: <p>(Não apresenta exemplos deste tipo de metáfora conceitual)</p>
--	---

Os exemplos literários trazem a metáfora conceitual comum no cotidiano VIDA É LUZ, evidenciada em expressões como “dar à luz um filho”, que significa pari-lo, trazê-lo à vida.

Essa metáfora dialoga com a conceptualização VIDA É DIA (LUZ) e MORTE É NOITE (ESCURIDÃO), que são, segundo Kövecses (2002), metáforas muito corriqueiras. Aqui, a expressão *dar à luz* compreende, pois a convencional, na qual a vida (domínio-alvo) é compreendida em termos de luz (domínio-fonte): dar a luz um filho é trazê-lo à vida. Não houve no *corpus* da dissertação exemplo desse tipo, provavelmente pelo ato de a expressão não fazer parte da linguagem adolescente.

5.3. Categoria 3: GRAVIDEZ É BENÇÃO/GRAÇA DIVINA

Exemplos do discurso literário	Exemplos do discurso cotidiano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Desmundo</i>: <p>1) [...] Mandou Francisco vir o físico a cujo pediu que olhasse por mim. [...] Salve, <i>mulher abençoada</i>, flor e fruto de germe erupit, flor suavíssima emictens odores, fruto saborosíssimo e doce, flor cuja bonitas expellit mesticiam, fruto cuja saciedade plena dá lei-</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Corpus da dissertação</i>: <p>1) “É porque foi da vontade de Deus. Ah, eu sempre queria, né? Foi porque eu quis, eu nem</p>

<p>te, bendita flor que de ti ascende, bendita árvore, bendita árvore e fruto, tua flor alegre, teu fruto da miséria retira, para sempre bendita, amém. Estás <i>com a graça da vida em teu ventre</i>.” (p. 187)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A órfã do Rei</i>: <p>(Não apresenta exemplos deste tipo de metáfora conceitual)</p>	<p>evitava. Não foi planejado, mas <i>é uma benção</i>. A gente não tem que escolher nada não, <i>a hora que Deus acha que é a ora certa</i>, é isso mesmo.” (p. 62)</p>
---	--

Os exemplos do discurso literário trazem à tona metáforas em que perpassam a concepção religiosa, fruto da atmosfera das narrativas. A mulher grávida é vista como agraciada por Deus, abençoada, abençoada por carregar uma nova vida no ventre.

Essas metáforas não apresentam nenhum traço de desconvenção, pois são muito comuns nas expressões linguísticas cotidianas, nas quais se percebe o modo como se concebe a gravidez por viés religioso: como algo que transcende a capacidade humana de decidir, porque é fruto do desígnio divino. Isso pode ser confirmado pelo exemplo das entrevistas, que se assemelha à concepção cristã relativa à figura da Virgem Maria: “Ave Maria / cheia de graça / o Senhor é convosco / *bendita sois Vós* entre as mulheres...”.

5.4. Categoria 4:

SER HUMANO É PLANTA/GRAVIDEZ É GERAR FRUTO

Exemplos do discurso literário	Exemplos do discurso cotidiano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Desmundo</i>: <p>1) “Que meu sangue do costume ia verter em leite pelos peitos, era eu mulher de boa aguada e bom seguidouro, por ter <i>fruto no ventre</i> feito pomar do céu e nem era uma terra que azedava o trigo, nem uma terra degenerada que como cão esfaimado parece que todo o trigo do mundo a não poderá fartar, que em vez de dar o toma.” (p. 192)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A órfã do Rei</i>: 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Corpus da dissertação</i>: <p>(Não apresenta exemplos deste tipo de metáfora conceitual)</p>

(Não apresenta exemplos deste tipo de metáfora conceitual)	
--	--

O exemplo literário acima apresenta a metáfora conceitual SER HUMANO É PLANTA e GRAVIDEZ É GERAR FRUTO sem considerar qualquer recurso de não convencionalização. A mulher grávida, em metáforas do tipo, é entendida como uma árvore ou flor que fornece frutos, os filhos que carregam no ventre.

Essa concepção novamente se remete ao discurso religioso privilegiado nas narrativas abordadas e são muito comuns na linguagem corrente, ressaltando o modo como tal concepção é estruturada pelas experiências religiosas próprias do meio social, familiar e religioso.

Mesmo que não haja exemplos nas entrevistas das adolescentes, é sabido que expressões como essas são muito comuns na linguagem do dia a dia, além de estarem também presentes na popular oração à Virgem Maria: “bendito é *fruto do vosso ventre* / Jesus”.

6. Considerações finais

A partir das análises dos exemplos, pode-se chegar à conclusão, com Kövecses (2002), de que metáforas literárias não constituem uso completamente incomum, em detrimento da linguagem cotidiana, conforme prega o paradigma linguístico-literário. Levando em consideração os graus de convencionalização, percebe-se que há no discurso literário, perpassando as expressões linguísticas (ora originais, ora banais) metáforas conceituais muito comuns cotidianamente.

Essa perspectiva, advinda da linguística cognitiva, desfaz a grande separação entre discurso literário e discurso corrente, questionando os graus de poeticidade da teoria da literatura, que consideram a metáfora ora como ornamento, ora como algo especialíssimo, fruto da inspiração do artista, visão romântica. Apresenta, em contraposição, que a inovação trazida pela literatura dá-se, em

grande parte, pela desconvençãoalização das metáforas conceituais cotidianas.

Diante disso, há que se reconhecer o que há de comum e de distinto entre metáforas literárias e cotidianas, deixando de conceber estas como um uso menor, diante daquelas, já que o fenômeno metafórico passa a ser visto pelo aspecto cognitivo.

A metáfora se faz, desse modo, presente em diversas manifestações linguísticas, sem ser privilégio da literatura. Essa (re)visão do fenômeno talvez possa servir a abordagens pedagógicas do texto literário, aproximando-os da realidade linguística dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, José Mena. *A órfã do Rei*. Coleção Cena Escrita, n. 1, novembro de 1996.

ARISTÓTELES. *Arte poética*. Trad.: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*: estudos de teoria e metodologia linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

D'ONOFRIO, Salvatore. *O texto literário*: teoria e aplicação. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica cognitiva*: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: POSSENTI, Sírio. (Org.) *Mas o que é mesmo "gramática"*. São Paulo: Parábola, 2006.

GEERAERTS, Irk. Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics. In: _____. (Ed.) *Cognitive linguistics*: basic readings. New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 1-28.

KÖVECSES, Z. *Metaphor*: a practical introduction. Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

_____; Turner, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

_____; JOHNSON, Mark. *Metáfora da vida cotidiana*. Trad.: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa* In: _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a, p. 61 – 81.

_____. *A propósito da metáfora*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômeno da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a, p. 119-132.

MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2009.

RESENDE, Lilian Valim. *Concepções metafóricas sobre a gravidez na adolescência*. 2007. Dissertação (de Mestrado). – Centro de Educação tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva*. p. 21-33.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.